

10/09/2019

## A Crise do Sindicalismo e a Transição Necessária

### Luizinho do EISA

[Metalúrgico. Ativista Sindical]

*Os sindicatos devem levar ao mundo a convicção de que os seus esforços, longe de serem egoístas e ambiciosos têm antes por objetivo a emancipação total das massas oprimidas.*

*Karl Marx*

No Brasil, com seu passado escravocrata, os trabalhadores sempre pensaram para construir seus sindicatos. A primeira lei a tratar da organização dos trabalhadores em sindicatos é de 1908, mas proibia a participação dos trabalhadores imigrantes que constituíam naquela época mais de 90% da força de trabalho. O capital e seus representantes nunca permitiram o acesso dos dirigentes sindicais aos locais de trabalho.

As condições de vida e trabalho da grande maioria dos trabalhadores nos anos '20 era de extrema precariedade.

As jornadas de trabalho eram de 12 a 16 horas sem descanso remunerado, sem férias anuais, sem contrato de trabalho, uso de mão de obra infantil. Os donos das empresas eximiam-se de qualquer responsabilidade em caso de doenças profissionais, acidentes no trabalho. Até o final dos anos '20 a luta dos trabalhadores era predominantemente comandada pelo pensamento anarquista. Deste primeiro momento alguns aspectos da trajetória do sindicalismo brasileiro chamam atenção, em primeiro lugar foi a busca de unidade dos setores mais ativos e conscientes do meio operário. A compreensão de que era necessário articular uma ação para a unificação de distintas categorias baseada na solidariedade operária.

Foi alcançada esta unidade, vieram as greves, os movimentos contra a carestia e de apoio à luta dos trabalhadores mundo afora. Até meados dos anos '30, a atuação dos trabalhadores via sindicatos era tratada como "caso de polícia".

Getúlio Vargas, que precisava do apoio operário ao seu projeto de nação, legalizou os sindicatos ao mesmo tempo que tentou cooptá-los. "Não é preciso matá-los, é possível domá-los", ironizava o hábil político. Ao longo da década de 1930 o Estado brasileiro criou um grande número de leis que regulamentaram as relações capital/trabalho, o trabalho feminino, as férias, criação da carteira de trabalho, jornada de 8 horas, etc. A ideologia de que estes direitos foram concedidos de mão beijada pelo Estado brasileiro não condiz com a verdade. Visto que vários destes direitos já haviam sido conquistados advindos de uma série de longas lutas.

Foram frequentes as lutas por aumentos de salários e melhores condições de trabalho com a ocorrência de um sem número de greves. Ficou claro para o governo Vargas que os trabalhadores e os sindicatos não estavam tão domados assim. O movimento sindical brasileiro novamente se reorganiza a partir de 1945, criando várias organizações de representação que tinham como objetivo a rearticulação sindical.

Entre 1950 e 1962 vários encontros sindicais são realizados e é fundado o CGT (Comando Geral dos Trabalhadores) e outras organizações operárias.

O CGT conseguiu fixar certas raízes no sindicalismo brasileiro. O governo JK foi um período de crescimento econômico sem ganhos para os operários, a classe operária cresceu, foi expressiva a participação sindical na vida nacional. Os sindicatos participaram, ainda, de grandes jornadas políticas e greves nacionais pleiteando uma melhor distribuição das riquezas originadas da chegada das empresas multinacionais. A ditadura militar de '64 desferiu um duro golpe no sindicalismo. Os sindicatos sofreram intervenção, diretorias foram destituídas e cassadas e em seus lugares foram impostos descarados pelegos ou agentes da polícia, sedes sindicais invadidas, depredadas e seus dirigentes foram presos. A luta sindical enfrentou completa ausência de liberdades e o autoritarismo. O retorno das mobilizações dos trabalhadores só ocorreu a partir de 1977, com as grandes campanhas salariais e as greves que ocorreram em todo o país.

O restante da década foi dedicado à participação política do movimento sindical. Os trabalhadores assumem mais uma vez um papel relevante na luta pela redemocratização.

Destaca-se sob essa ótica o governo Sarney, que foi marcado por planos econômicos contendo arrocho salarial.

Os trabalhadores responderam com greves e mobilizações na busca de romper o arrocho. Essas mobilizações políticas foram desaguar na atuação dos sindicalistas na Assembleia Nacional Constituinte, onde lutaram para não permitir que retirassem direitos já conquistados e batalhando para que tivéssemos novas conquistas. Após duros embates com o empresariado, vanguarda do atraso, conseguimos que direitos não fossem retirados e ainda foram ampliados. Chegamos ao governo neoliberal e de reestruturação produtiva de FHC, de triste memória para os operários. Depois de mais de vinte anos de uma árdua luta contra a ditadura militar e do enfrentamento de mais uma década de ofensiva neoliberal, em 2002, um líder operário "Lula" chega à presidência do Brasil.

Nesse governo, os trabalhadores tiveram participação nas políticas sociais. A economia cresceu e, pela primeira vez na história, a classe operária é beneficiada e os sindicatos crescem. Estes avanços chegam até o governo "Dilma".

Para as elites atrasadas brasileiras isso era intolerável: este avanço tinha que ser detido e então veio o golpe em 2016.

Assume o poder o ilegítimo Temer. Seu governo partiu com todo ódio pra cima dos sindicatos com a tal da "deforma trabalhista", que tinha como uma de suas finalidades o ataque aos sindicatos. Essa "deforma" foi um presente do Temer ao empresariado, capitão-mor do golpe contra Dilma.

Por último, veio o Bolsonaro que, já na sua campanha eleitoral, dizia que os operários no Brasil tinham direitos demais.

Eleito, tornou-se uma obsessão para este desgoverno destruir os sindicatos. Demos nossa resposta promovendo mobilizações contra essas atitudes anti-sindicais. Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, o movimento sindical não sucumbiu, mas vive seguramente seu pior momento da história e precisará se reinventar para seguir em frente.

O dirigente sindical não deverá desanimar, afinal é somente através do outro que a humanidade ganha existência.

Sem o outro não há alegria, beleza, encanto ou amor. Os seres humanos estão destinados a este encontro que também acontece na dor e no sofrimento e, principalmente, na luta.

<p>Urge que os sindicatos abram as portas para que a solidariedade possa emergir como valor e criar possibilidades de outros modos de vida em sociedade e a tolerância, assim, possa ser restituída.</p> <p>O sindicato tem o desafio de estar aberto a novas pautas que atendam aos jovens, negros, mulheres, a igualdade de gênero e entender a necessidade de ir além do econômico e trazer para o centro do debate temas como proteção ao meio ambiente, novas tecnologias, a violência contra as crianças e as mulheres. Abrir o sindicato às atividades esportivas e culturais, criar grupos de leitura, ter bibliotecas abertas à comunidade, promover cursos de pré-vestibular.</p> <p>Dar apoio aos trabalhadores tanto empregados quanto desempregados sem distinção, acolher aposentados, participando de suas lutas.</p>	<p>O projeto do novo sindicato deve colocar os trabalhadores em movimento para que descubram o sentido da luta e renovem a solidariedade. Companheiros, entendemos que a mudança de postura não é algo fácil, mas aos dirigentes sindicais não resta outra alternativa senão a de se reinventar. Terão os líderes sindicais de abandonar seus palácios e ir ao encontro das massas trabalhadoras sofridas e tão necessitadas da atuação do único órgão que elas têm para representá-las, organizando-as. É chegada a hora do tão apregoado trabalho de base ser retomado. Agindo assim, com certeza o sindicalismo terá longa vida. As injustiças, as desigualdades, a exploração, o desrespeito, a desumanidade, os baixos salários, saúde precária, tudo isso está aí nas fábricas e no campo. Como na Música de Ivan Lins e Vítor Martins: <i>Começar de Novo Vai Valer a Pena.</i> ■■■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	